Sumário:

O Autor

Apresentação,

Agradecimentos,

PARTE I
A Terra.

PARTE II
O Homem

PARTE III
A Missão.

PARTE IV
O Legado.

Palavras Finais,

Nota de Esclarecimento,

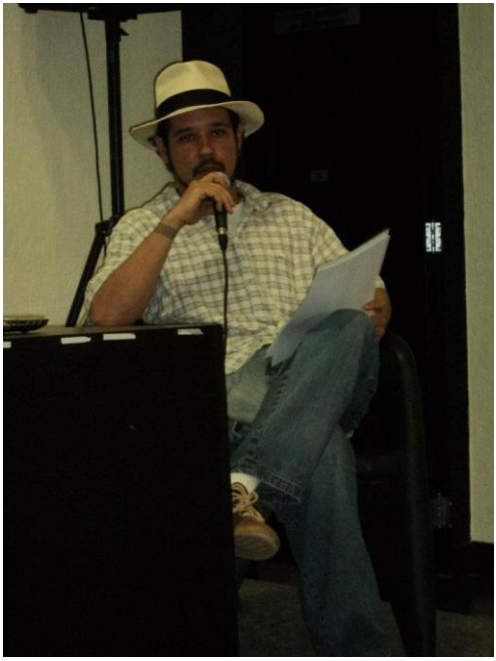
Documentos Anexos,

O Autor:

Aidner Mendez Neves, o Luar do Conselheiro, nasceu em 21 de julho de 1983, no Rio de Janeiro, mas aos dois anos de idade veio para a Bahia, em Salvador; onde passou sua infância e pré-adolescência, passando suas tardes na Praia dos Artistas, na Boca do Rio, bem como na colônia de Pescadores desta sua adorada comunidade. Porém foi no início de sua adolescência, que conheceu os sertões e o movimento Armorial. A cidade de Uauá, no sertão da Bahia, passou a ser seu reduto escolhido, e lá descobriu sua própria identidade, sua gente e seus costumes; portanto, um Nordestino por opção.

Luar do Conselheiro é Cordelista, Escritor, Romancista, Roteirista, Compositor, Poeta e Cantador. Seus versos e canções retratam as lutas do povo sertanejo, e, sobretudo, o exemplo de Canudos. Participou do Prêmio Agenor Campos de Poesia, realizado na UCSAL pelo grupo cultural MACCACA; bem como de outros concursos, tendo seus versos agraciados com lugares de destaque.

Luar tem três livros publicados no Clube de Autores, “POEMAS CORDÉIS E CANÇÕES”, “EMANEMO-NOS” e “CORDELIZANDO O MUNDO TODO”. Diversos poemas publicados em diversas coletâneas e revistas, um artigo publicado em Portugal, além de escrever roteiros, artigos e peças.



Apresentação:

Todos os homens nascem com sua oportunidade de escrever seus nomes na *"História Sem Fim"* da humanidade. Todos têm em si, algo ou algum talento que os torna diferente dos demais e que, se colocado em pratica no dia a dia, este talento poderá torná-los homens melhores, pois contribuirão para a humanidade e escreverão os seus próprios nomes na página da época em que viveram.

Assim aconteceu com GILDO, que escreveu seu nome no panteão destinado às Lendas Nordestinas. Moço pobre e discriminado por sua afro-descendência, ainda jovem percebeu seu poderoso talento: uma possante voz tonitruante, associada a uma sensibilidade especial dos seres que um dia foram maltratados... E cuidou de utilizar esta sua vocação e talento natural na luta pela libertação de sertanejos escravizados e dependentes dos currais eleitorais de "senhores feudais" nordestinos.

No Sertão do Pajeú, outra Lenda Nordestina já havia se levantado contra os "senhores feudais": o Capitão Virgulino Ferreira , O Lampião, que por sua vez escolheu a luta armada e dura do Cangaço, como defesa aos seus opressores. Gildo, - *A Voz da*

Liberdade -, conta ao mundo, a saga e trajetória de um homem que escolheu como armas, a educação e os ensinamentos da Livre Determinação dos Povos, a Democracia e o Respeito às Leis!!! Seres limitados de alma e de intelecto, não tendo como enfrentá-lo, fizeram o que bem sabiam fazer... E por obra de malfeitores, Gildo passou para a "*História Sem Fim".*

Passando para a História, Gildo nos deixou lições de vida e um importante legado que hoje é continuado por sua companheira, D. Lalá, fiel narradora desta epopéia tão bem retratada neste livro do poeta baiano, Luar do Conselheiro. D. Lalá, não só pelo reerguimento da obra de Gildo, como também por sua trajetória de coragem pessoal, desperta imediata admiração e respeito a quantos a conheçam: uma *Valente Patriota Nordestina*!!!

Os ensinamentos e a trajetória de vida, aqui escritos, mostram quão cara é a vida e a liberdade, nos mostrando também como é fácil para os malfeitores, eliminar um oponente talentoso.

Luiz A. B. Mendez.

Agradecimentos.

Agradecemos em primeiro lugar ao povo da cidade de Flores e de Serra Talhada, povo hospitaleiro que nos recebeu com muito carinho e que contribuíram sem hesitação com muitos dados sobre o tema tratado nesta obra.

Agradecemos com muito carinho, respeito e admiração a Lalá, que foi quem mais conviveu com o Gildo e hoje continua sua trajetória de militância política pela emancipação do povo oprimido de Flores.

A Allex Barbosa Lima, esposo de Lalá, homem de fibra e com um coração do tamanho do Alto Sertão do Pajeú, agradecemos pela acolhida, por não ter deixado faltar nada e pela confiança depositada em nosso trabalho.

Jóseley e Juliene, filhos de José Gildo, bem como Joelma Alves Lopes por nos ter doado momentos de juventude e de alegria nos dias em que pousamos em sua casa.

Assim como a Maria Josefa do Nascimento e Maria Gildete (a Deta), que cuidaram de nós em Serra Talhada tal qual só uma mãe ou uma Dedé o fariam.

Agradecemos com afeto pelas contribuições dadas por:

Misael Frutuoso da Silva, Damiana França de Queiroz e Família, Cida Souza, Dona Lenita Xavier Carneiro de Albuquerque, Cristóvão Pereira da Silva, José Maximiliano dos Santos (Seu Zé do Carro de Som), Dr. Luciano Duque, Vaca Véia, Carlinhos da Rádio, Sr. Manoel Siqueira, Anildomá Willans, Mirian Medeiros, Sr. Antônio Porfírio, Prof. José Adelmo Alves Barbosa (o Prof. Adelmo), Maria de Lurdes Pereira de Oliveira (a Lurdinha), Sebastiana Cristina Siqueira Lima, Edmário Nogueira dos Santos (o Tora de Sítio dos Nunes), Antônio Guará, Bruno Stefany, Thamyris Lima, Marquinhos Dantas, Dona. Zezé, e Marquinhos Oliveira. Um agradecimento especial e forte abraço ao Dr. Nena.

A Terra.

A terra em que se passa esta história de: luta, honra e valor, é por si mesma prenhe de magia e de histórias de heroísmos que se fundem numa só história: A História do Sertão do Pajeú.

*A Microrregião do Pajeú é composta por dezessete municípios. Tem clima semiárido na maioria de seu território, sendo exceção a área de brejo de altitude, que compõe, por exemplo, a cidade de Triunfo, ponto mais alto do Estado com mil duzentos e sessenta metros. Tem a agropecuária mais desenvolvida do Sertão Brasileiro. A pequena atividade econômica da microrregião é em sua maioria movimentada pelo comércio, seguido da agropecuária. Na região de brejo de altitude, a atividade agrícola tem mais diversidade, inclusive fruticultura. Nas regiões baixas, a pecuária caprina e bovina prevalece, e a agricultura predominante é a de subsistência.

A cidade mais populosa é Serra Talhada, seguida de Afogados da Ingazeira, São José do Egito e Tabira. O Vale do Pajeú está retratado no livro de Luís Cristóvão dos Santos, *Caminhos do Pajeú*.

A história aqui narrada se passa basicamente em duas cidades do Sertão do Pajeú Pernambucano: a cidade de Flores e a Cidade de Serra Talhada.

A história da primeira cidade, Flores, já merecia um livro a parte; sua história vem de logo após a fundação da Casa Real da Torre da Bahia. Nos fins do século XVI, Garcia d´Avila empenhava-se na colonização das terras às margens do Rio São Francisco, organizando diversas expedições, compostas de portugueses e índios capturados para servirem como escravos, que partiam em diversos rumos, a fim de explorarem e fundando aldeias.

Nos meados do ano de 1589, uma daquelas expedições, seguindo as margens do Rio Pajeú chegava a uma aldeia de índios tapuias, localizada à margem esquerda daquele rio, no lugar, hoje denominado Alto das Flores.

Os Tapuias Rtama estavam em festa, em homenagem ao chefe de uma aldeia na serra da Baixa Verde em Triunfo.O guerreiro Aruan ordenou a prisão dos componentes da expedição, que mais tarde seriam trucidados pelos selvagens, salvando-se apenas duas meninas, que os índios começaram a adorar como divindades, tal suas belezas, que mais tarde deram-lhe os nomes de Aracê, a mais velha, e Moema, a mais nova. Aquelas meninas ficaram sob a proteção dos guerreiros mais fortes que receavam que fossem capturadas por outros silvícolas.

Por volta de 1603, outra expedição chegava aquele local, mas encontravam os Tapuias Rtama "meio civilizados", certamente pelo contato com as duas meninas, que lhe ministravam certos conhecimentos, não só do idioma português, como cultivo da terra, etc.. Eram uns vinte portugueses e mamelucos, que, entendendo-se com os aborígines, construíram melhores habitações para acomodamento para todos os integrantes da expedição da casa da torre, chefiadas pelo português Simeão Pereira Ganrrinho.

Começou assim a fundação de um povoado, à margem direita do Rio Pajeú, mais tarde denominada Povoação de Flores, em alusão ao cultivo de flores, a que se dedicavam, Aracê e Moema.

Na data de 11 de setembro de 1783, foi criada a Freguesia de Flores do Pajeú. A vila foi criada, também por alvará, em 15 de janeiro de 1810, oficialmente considerada a data de criação do município. Em 20 de maio de 1833, quando através de Resolução Presidencial que criara várias comarcas no Estado, Flores tornou-se uma delas, sob a denominação de Comarca do Sertão de Pernambuco.